

Eduardo White: sonhando paisagens por amor à memória

*Karen Kelly Linhares**

RESUMO

Tomando como referência os livros *O país de mim e Janela para o Oriente*, de Eduardo White, poeta moçambicano, pretende-se demonstrar como os temas do amor e do erotismo mesclam-se à angústia na construção da escrita poética.

Agora é só sonhar
se disso ainda formos capazes.
Creio que sim.
(White, 1989, p. 66)

O ser no homem – assim como em
todas as criaturas vivas –, se dá em
sonho, mas faz com que ele desperte.
(Zambrano, p. 128)

Com quantas vidas ceifadas podemos avaliar os danos concretos de uma guerra? E de duas? Quantos filhos perdidos, irmãos desaparecidos, quantas crianças mutiladas precisam ser contabilizadas? É certo que sobram apenas ruínas e, desgraçadamente, não se limitam ao que os olhos podem contemplar. As mais graves ruínas legadas pelas guerras são mais profundas, mutilam o coração. Não são facilmente removíveis, como a potente draga arranca o entulho para a construção de um novo arranha-céu. São constituídas de so-

* Universidade Federal do Rio de Janeiro, bolsista do CNPq-Pibic.

nhos interrompidos, culturas dilaceradas e grandes decepções. Não é dado a qualquer homem o poder de reconstruir o grande edifício da memória, mas ao arquiteto da palavra é conferida a responsabilidade, a difícil tarefa de, verso a verso, reerguer os pilares de uma cultura que teima em não permanecer soterrada.

O poeta moçambicano contemporâneo Eduardo White está inserido nesse contexto histórico cultural. Após uma guerra de independência e uma civil, também conhecida por guerra de desestabilização, a nação, fragilizada e fragmentada, vive um “surto de amnésia coletiva” que compromete toda uma tradição cultural. A perda do ideal – por ver os próprios “filhos da terra” brigando entre si para tomarem o poder – fez com que os ânimos, que um dia idealizaram uma nova África, esfriassem. Os traumas causados pela falência dos sonhos minaram qualquer expectativa futura de transformação social, as pessoas ficaram desmemoriadas, inertes no tempo, soterradas pelas ruínas da História.

Contudo, o espectro dessa cultura vaga por sobre os escombros, negando-se a ser transformado em pó e soprado para longe pelo vento do esquecimento, daquilo que um dia se chamou memória. Mas isso não permite os poetas, é o momento de renovação artística, de uma literatura não mais engajada, mas antes compromissada com a recuperação social e cultural de Moçambique.

Nesse momento, a criação literária vai assumir uma dimensão existencial, tornando-se mais introspectiva, abordando temas humanos. Chama a atenção de cada indivíduo para dentro de si, apresenta-lhe um ser que, embora fragmentado, pode e deve repensar-se como pessoa.

As obras que aqui vamos estudar, *O país de mim* e *Janela para o Oriente*, de Eduardo White, fazem parte dessa nova proposta literária que, embora universal, intenciona a reformulação sociocultural de Moçambique e também da África em geral.

Como já foi dito, as pessoas deixaram de sonhar em Moçambique. White, por sua vez, fará do sonho um dos principais elementos constitutivos de sua obra, o elemento que vai permitir o amor e inspirar a escrita de um poeta desconcertado com a sociedade, que empresta suas asas à imaginação para recupe-

rar a memória através da paisagem de Moçambique e de um corpo de mulher, numa sensual e intensa carga erótica. É a busca da transformação do sonho ideal em concretização da realidade.

Digo-te:

— Eu já amava e escrevia versos
nas paredes do útero de minha mãe.

Desse amor invoca
o que é puro e o que nem definir se pode.
(White, 1989, p. 10)

No livro *O país de mim* há a presença incontestavelmente explícita da figura da mulher-mãe vinculada ao amor. Há uma penetração representativa do eu lírico nessa imagem feminina bipartida numa espécie de relação amorosa. Os dois apresentam-se enquanto geradores de vida, neles reside a enérgica e virtuosa autoridade de gestar a poesia, recuperando a memória através da paisagem local. É possível perceber a concepção da palavra enquanto organismo da poesia viva:

quero plantar estas mãos em teu corpo
para que elas vivam
deter a alegria entre os dedos
e os teus seios nus

vem amor, vem para dentro do poema
fazer do meu corpo rio
e do teu foz.
(White, 1989, p. 46)

eu quero os frutos a que sabes
o grande rio que contigo corre
e os seus afluentes,
eu quero a terra que tens
adubada e fértil,
para estas sementes que trago
no meu bernal de pai
Eu quero doer e criar,
doer de dar ao meu amor
muito labor.
(White, 1989, p. 58)

Ao ser é dada a capacidade de transformar as coisas e, uma vez consideradas como seres, à poesia também são adicionadas as capacidades próprias do humano. Tem-se aí a deixa para referenciar o poder transformador da poesia.

Essa é a resposta aos versos, nos quais o eu lírico pergunta:

Porquê o amor em meus poemas sempre?
Porquê essa paixão suprema?
(White, 1989, p. 9)

O amor que incomoda invade a consciência, incentiva o senso crítico e, enquanto gerador, dá vida à poesia.

Tal invasão de consciência não é mera casualidade, mas um compromisso, uma proposta de renovação crítica vinculada à poesia. Há nesse amor uma busca de perfeição e sentido que se confunde e se mescla com o fazer poético na busca da palavra perfeita.

Assume o amor como um ofício
onde tens que te esmerar,

repete-o até a perfeição
repete-o quantas vezes for preciso
até dentro dele tudo durar
e ter sentido.
(White, 1989, p. 11)

Ao mesmo tempo, o compromisso desse amor criador vincula-se à crítica social quando o eu lírico utiliza a imaginação para apontar a crise da sociedade a que pertence, como a perda da memória cultural moçambicana.

Nesse aspecto o amor se manifesta como vínculo da identidade cultural, como um grande anzol que pesca nos grandes lagos da memória a cultura submersa, afogada pela enxurrada da degradação sociocultural.

Tão antigo o amor aqui nesta terra,
que em cada noite há um batuque que o anuncia,
que o anuncia
e o eleva
como uma folha sem peso.
(White, 1989, p. 12)

Curioso o fato de, às portas do século XXI, esse poeta representativo da África de língua portuguesa estar convergindo, em alguns aspectos, para o que corresponde a um novo tipo de, ou melhor, uma nova atitude romântica. Há que se relevar o fato de até então não haver a possibilidade de pensar uma literatura africana desvinculada da situação política de cada Estado, como numa constante simbiose entre Literatura e História. As novas gerações de poetas moçambicanos se voltam para o amor, não para cantá-lo romanticamente, mas para refletir sobre a angustiante perda dos sentimentos nos dias atuais.

Tal angústia romântica só é vivida pelo poeta numa fase politicamente propícia. Trata-se do momento do desencanto, do desconcerto que o poeta vive em relação ao resto da sociedade, por ver além dos olhos, numa inconformidade total com a realidade.

As pessoas olham à sua volta e vêem as ruínas. Somente o poeta possui a visão tripartida de, além de olhar e ver, enxergar as causas, as conseqüências e, principalmente, as novas possibilidades.

Podemos exemplificar tal angústia barroca com a personificação do poeta comparado ao anjo de Klee – figura utilizada por Benjamin para discutir as conseqüências do progresso – com algumas sutis, porém cruciais diferenças: as possibilidades permitidas pelas literaturas e culturas híbridas como as de Moçambique.

O poeta olha ao redor e vê, perplexo, as ruínas que se acumulam. Não são só do passado, os cascalhos do presente são ainda mais duros e agudos, ferem com mais intensidade e machucam mais facilmente por serem causados pelas minas de interesses dos próprios filhos da terra. O novo romantismo de White se recobre, pois, de tonalidades do barroco alegórico de Benjamin.

De **O país de mim** para **Janela para o Oriente** a mudança do que chamaremos de “ânimo da escrita” ocorre de forma extremamente brusca. Em um primeiro momento, tem-se uma escrita, embora angustiada, impregnada de expectativas, decorada com os adornos da sensualidade como expressão da busca de liberdade, introspecção e envolvimento de elementos de renovação cultural: o nativo, a mulher-terra e a memória.

Já em **Janela para o Oriente** a escrita não só se desenrola num clima de angústia, mas caminha para a inércia da depressão. É como se houvesse uma

perda de estímulos, desilusão capaz de esvaziar de ânimos o poeta. Talvez seja o fato de tratar-se de um mal que teima em permanecer: as palavras transformadoras da poesia exercem, muito lentamente, o seu poder sobre a sociedade, enquanto esta caminha a passos largos para as ruínas.

A tensão provocada pela escrita é o ápice da angústia barroca, um momento de sofrimento no qual o eu lírico fica dividido entre realizar e fugir ao compromisso da palavra.

Paro, agora, para secar um pouco as mãos. Para dar descanso à caneta. Um cigarro solta-se-me por entre os lábios. Acendo-o. Quero que o fumo e a nicotina enganem a angústia e o pânico com que convoco o poeta.

Olho o cigarro a esvaír-se pelo seu incêndio. Como se me desencantam as mãos, como me dançam os dedos.

Levanto-me.
Vou supor-me a resistir. Lentamente até fugir.
(White, 1999, p. 14-15)

Sai de foco a produção do prazer como um homem que desliza a ponta de seus dedos pelo corpo de uma mulher, para dar espaço às letras que retorcem as feridas. O poeta reconhece sua responsabilidade quando diz: “Caminho com os braços levantados, e com a ponta / dos dedos acendo o firmamento da alma” (White, 1999, p. 14).

No contexto em que se insere esse poeta “dos livros fechados em seus destinos, dos jornais aos montes e sem notícias” (White, 1999, p. 13), sua evocação torna-se um convite dual à escrita e à morte:

O ar deste quarto está de sorrisos e de surpresas, de desgostos que irão viver, cheio de lugares que ainda não sou. (...). Leio as palavras que o são. Frias. Concretas. Óbvias e desertas. (...). A morte desenha-lhe as mãos que daqui posso ver a tremerem. (White, 1999, p. 13-14)

A necessidade de romper com o presente e recuperar a memória ancestral causa inquietudes, transtornando o eu lírico com a saudade do que se foi e o medo de recuperar tal memória através de sua poesia, como se houvesse duas forças opostas e iguais: ir ao encontro e fugir.

Preciso de reaclerar o sentido desta escrita. Rememorar-me, desde logo, neste texto por cuja flauta ela respira. É que se não pode chegar a memória sem que nos fuja alguma coisa do presente. (...). Saudades de que e de quem sinto então eu agora? Que força é esta que me empurra tão para dentro? Talvez o melhor fosse não escrever, não atravessar, de imediato, a agulha do pensamento, a mão que o toca, a ferida provável que o permitiu. (White, 1999, p. 18-19)

Ao final deste trabalho, concluímos que a poesia de Eduardo White descreve uma curva de interiorização. Os sonhos e o erotismo em relação à sociedade se dissolvem em nebulosa angústia que oprime o poeta. Entretanto, a melancolia que o abate não é romântica, pois impele o eu lírico para dentro de si, para o âmago de sua própria escrita, única janela ainda possível por onde entra alguma claridade que fere de intensa lucidez seu pensamento.

Assim, observamos, na poesia de White, uma profunda atitude moderna de inquirir ao extremo seu próprio processo de criação poética.

RÉSUMÉ

Cet article, appuyé sur les livres *O país de mim* et *Janela para o Oriente*, de Eduardo White, poète du Mozambique, montre que les thèmes de l'amour et de l'érotisme rejoignent celui de l'angoisse dans la construction de l'écriture poétique.

Referências bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. 2. ed. São Paulo: Difel, 1986.
- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BACHELARD, Gaston. *O ar e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

- CAILLOIS, Roger; VON GRUNEBAUM, G. E. *O sonho e as sociedades humanas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: J. Olímpio, 1999.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FANON, Frantz. *Pela negra, máscaras brancas*. Salvador: Fator, 1983.
- LARANJEIRA, Pires. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta, 1995.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1990.
- MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização*. Rio de Janeiro: LTC, 1999.
- MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- MENDONÇA, Fátima. *Literatura moçambicana: a história e as escritas*. Maputo: Univ. Eduardo Mondlane, 1988.
- PAULINO, Graça *et al.* *Intertextualidades: teoria e prática*. Belo Horizonte: Lê, 1998.
- WHITE, Eduardo. *Amar sobre o Índico*. Maputo: Aemo, 1984.
- WHITE, Eduardo. *Poemas da ciência de voar e da engenharia de ser ave*. Lisboa: Caminho, 1992.
- WHITE, Eduardo. *Os materiais do amor seguido de O desafio à tristeza*. Lisboa: Caminho, 1996.
- WHITE, E. *O país de mim*. Maputo: Associação dos Escritores Moçambicanos, 1989.
- WHITE, E. *Janela para o Oriente*. Lisboa: Caminho, 1999.
- ZAHAR, Renate. *Colonialismo e alienação*. Lisboa: Ulmeiro, 1976.

